

Fernando Molica

A vida como ela é nas calçadas

Prefeito de São Paulo e candidato à reeleição, Ricardo Nunes (MDB) tem o direito de questionar o estudo que aponta a existência de 80 mil pessoas vivendo nas ruas da cidade — mas não dá para negar que tem gente demais dormindo nas calçadas, por lá e por aqui, no Rio.

Não se trata apenas dos que estão numa situação que os obriga a permanecer nas ruas. Há os que têm casa, mas que estão por aí pedindo dinheiro, vendendo doces. Arrisco dizer ser impossível que você não tenha sido abordado por alguém lhe solicitando algum trocado nas últimas vezes em que botou o pé na rua ou se sentou num bar numa calçada.

Nem de longe proponho algum de tipo de ação para retirar esses compatriotas das ruas que são tão deles quanto minhas. Ao contrário, é preciso que a sociedade encare essas pessoas não como incômodo, um sinal evidente de nosso fracasso.

Não dá pra achar normal ver

tanta gente assim nas ruas, não é razoável que crianças em idade escolar sejam expostas desse jeito. Um colega que morou na França nos anos 1970 me contou que o plano dele e de um amigo de matar aula para dar volta em Paris foi abortado por uma razão simples: um policial estranhou que aqueles dois moleques estivessem na rua em horário escolar.

Como o ensino por lá é em horário integral, não havia razão para que dois pré-adolescentes estivessem zanzando pela cidade num dia útil, sem a companhia de adultos. Os dois foram levados para casa pela polícia, que ainda passou um sabão em seus pais.

Tudo ocorreu de forma simples a partir de uma decisão de política pública: o ensino em horário integral. Além de todas as outras vantagens, essa medida permitiria que, a exemplo do que houve no caso do meu amigo, o poder público identificasse, por aqui, qualquer criança fora da escola.

Em 2010, o prefeito Eduardo Paes sancionou uma lei aprovada na Câmara Municipal que implantava de forma gradual uma medida necessária, mas ainda modesta, um turno único de sete horas. A cada ano, dez por cento do contingente de alunos das escolas públicas municipais passaria a ter essa jornada — em 2021, todos teriam essa carga horária.

Como o objetivo não atingido, adotou-se uma solução bem brasileira. Em 2022, a Câmara aprovou outra lei, igualmente sancionada pelo mesmo prefeito, que prorrogou para 2031 o prazo de adoção do turno único. Simples, né?

Muito focados na vida institucional — governos, parlamentos, entidades da sociedade civil — até mesmo nós, jornalistas, tantas vezes esquecemos de olhar mais para as ruas, para a vida que se desenvolve nas calçadas.

É fundamental citar a pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais que trata dos

80.369 brasileiros que não têm onde morar na cidade mais rica do país. Temos que publicar dados sobre aumento/redução da pobreza, tratar de índices de desemprego, falar dos avanços (poucos) e retrocessos (muitos) na educação.

Mas é preciso cobrar dos governos, é necessário publicar nomes e histórias dessas pessoas. Não basta minorarmos nosso desconforto ou culpa estendendo-lhes uma nota de dois ou de cinco reais, nem adotar a prática de, nas ruas, andar em zigue-zague para fugir da abordagem dos miseráveis.

Estamos a menos de duas semanas da eleição para prefeitos e vereadores. Fala-se muito de descriminalização de drogas e do aborto (temas do Congresso Nacional), de socos, de cadeiradas, de Lula e de Bolsonaro — e tratamos muito pouco da realidade que está diante dos nossos olhos. Cabe à sociedade escolher suas pautas.

Vicente Loureiro*

Mobilidade Verde

O Fórum BRICS de Cidades Verdes, realizado recentemente em Moscou, dedicou um painel à mobilidade verde. Nele, foi apresentado um panorama de iniciativas bem-sucedidas para um transporte urbano mais sustentável, implementadas em cidades dos países membros. Também foram apontados os grandes desafios ainda presentes na transição do modelo de transporte baseado em combustíveis fósseis para o uso de energias limpas. Para as cidades brasileiras, o tema ganha ainda mais relevância, pois a mobilidade urbana já figura entre as três maiores preocupações dos habitantes da maioria delas, ficando atrás apenas da saúde e da segurança pública.

Foram destacados três grandes desafios a serem enfrentados: o primeiro é recuperar os passageiros perdidos do transporte coletivo para o individual; o segundo é aumentar a presença do transporte verde na matriz de mobilidade das cidades; e o terceiro

é reduzir a necessidade de tantos deslocamentos longos, custosos e poluentes. Tomo a liberdade de acrescentar um quarto desafio, não mencionado no Fórum: o de encarar os três desafios de forma integrada e sinérgica. As mudanças climáticas não estão dispostas a esperar.

Em um país onde o transporte coletivo urbano vem sendo substituído pelo individual de modo acelerado, e onde os sistemas metroferroviários, incluindo VLTs em operação não respondem nem por 15% dos deslocamentos diários, os ônibus a diesel, junto com automóveis, motos e outros modos, acabam contribuindo com mais de 85% das emissões de gases de efeito estufa nas cidades. O caminho parece ser o de recuperar os passageiros perdidos, transformando, via renovação, a frota de ônibus para veículos elétricos, além de investir continuamente na ampliação e melhoria da oferta de transportes públicos de alta e média capacidade.

Isso sem mencionar que medidas restritivas ao uso de soluções individualizadas também terão de ser tomadas. Ou seja, não podemos melhorar a oferta de transporte público e avançar na mobilidade verde apenas para, depois, convencer o usuário do transporte individual a mudar seus hábitos. Não dá mais para considerar os investimentos necessários como pré-requisitos para mudanças tanto na matriz energética quanto no comportamento da população. Tudo terá de ser feito ao mesmo tempo, de forma conjunta. Quanto mais rápido, melhor.

O desafio é enorme. Não será trivial renovar 100 mil ônibus, substituindo os motores a diesel por elétricos ou híbridos. Isso exigirá recursos públicos e oferta de crédito tanto para municípios quanto para operadores. Também não será simples garantir recursos públicos e/ou privados para os investimentos necessários

à implantação de 800 a 1.000 km de linhas de trem e metrô, como indicam especialistas, ou ainda a instalação de cerca de 1.000 quilômetros de novas linhas de BRTs.

Estabelecer metas factíveis, garantir os recursos e financiamentos necessários, integrar os três níveis de governo nas ações e atrair investidores — esses são os requisitos a serem cumpridos. Sem eles, o transporte público não retomará o protagonismo nos deslocamentos cotidianos das cidades, e a mobilidade não ficará mais verde. Precisamos, mais do que nunca, mudar a forma como nossas cidades se movem, para melhorar a vida das pessoas. Não podemos continuar insistindo em melhorias que já não produzem os efeitos esperados.

***Arquiteto e urbanista. Doutorando pela Universidade de Lisboa. Autor dos livros “Prosa Urbana” e “Tempo de Cidade”**

Barros Miranda*

A catarse da história nas quatro linhas

É tão incrível como a história é muito benéfica e, ao mesmo tempo, nefasta. Fatos e curiosidades são bem vindos em qualquer lugar, mas as marcas que ficam para o mundo, isso ninguém apaga.

Os acontecimentos que aconteceram com o final 4 e 9 são tão marcantes que ficamos às vezes até sem saber quais foram. Podemos dizer que a quabra da Bolsa de Valores de Nova York, a criação da China

atual, de Mao Tse-Tung, a Revolução Cubana, a ida do homem à lua e tantos outros acontecimentos nos fazem pensar como o mundo pode ser bom e cruel ao mesmo tempo.

Ainda no âmbito mundial, a Primeira e a Segunda Guerra entram no papel, já que uma começou em 1914 e a outra em 1939.

Aqui no Brasil, temos que dá valor para a constituição de 1934, para o Golpe Militar em

1964, para a Copa do Mundo em 2014 e, claro, para o movimento Diretas Já.

Isso sem falar nas datas da Revolução Francesa, que são, as mais marcantes, da própria queda da Bastilha — 14 de julho de 1789 —, a subida de Napoleão como Cônsul (1799), sua coroação como imperador (1804) e sua derrocada em 1814.

Obviamente que a cada ano, professores, historiadores e especialistas em cursinhos de

pré-vestibulares ficam pensando nisso para os formandos do ensino básico. Só que, se pararmos para pensar, caso isso venha a ser uma forma de vermos como é a história de fato, ficaremos a ver as coisas boas e ruins que aconteceram no Brasil e no mundo.

Por essas e outras que a história não pode ser uma disciplina acadêmica fugurante, e sim uma das protagonistas.

***Jornalista e Historiador**

EDITORIAL

Eleição é instrumento da democracia

A democracia, enquanto forma de governo, representa um dos maiores avanços na história da civilização, garantindo que a voz do povo seja ouvida e respeitada. As eleições, como um dos principais mecanismos de expressão dessa democracia, são fundamentais para a construção de sociedades justas e igualitárias.

Em uma democracia saudável, as eleições não se resumem a um mero processo administrativo, mas são um verdadeiro reflexo da vontade popular. Elas permitem que cidadãos escolham seus representantes e influenciem as políticas que afetam suas vidas. Entretanto, o valor das eleições vai além da contagem de votos; ele reside na transparência, na integridade do processo e na participação ativa da população.

Nos últimos anos, temos testemunhado uma crescente desconfiança nas instituições democráticas. Escândalos de corrupção, desinformação e tentativas de manipulação têm desafiado a legitimidade das eleições. Para garantir que o sistema democrático permaneça forte, é crucial promover a educação política e a conscientização cívica, capacitando os

cidadãos a discernir informações e a participar ativamente do processo.

Além disso, a inclusão de grupos marginalizados nas discussões e decisões políticas é vital. Uma democracia plena é aquela que ouve todas as vozes, independentemente de classe social, gênero ou etnia. A diversidade de perspectivas enriquece o debate público e fortalece a democracia.

Se abster do processo político, nunca será a saída adequada. Especialmente porque as decisões políticas afetam diretamente na vida de milhares de pessoas. A população precisa ter papel de destaque neste cenário, jamais de coadjuvante.

Portanto, é nosso dever como cidadãos exigir eleições justas e transparentes, lutar contra a desinformação e apoiar a participação de todos os segmentos da sociedade. Somente assim poderemos construir uma democracia robusta, onde cada voto conta e cada voz é ouvida, sendo extremamente salutar a participação cidadã.

O destino das cidades no 6 de outubro, passa pelas decisões que a população há de tomar.

A ideia genial da Paramount

A franquia de filmes em Live-Action de ‘Transformers’ começou em 2007 de forma estrondosa. Com uma bilheteria colossal e críticas positivas da crítica especializada, parecia que tudo iria muito bem para a saga dos robôs.

No entanto, os anos seguintes amargaram sequências que apesar de terem retorno financeiro positivo, acabaram massacradas pela crítica.

Faz uns seis anos que essa saga principal foi ‘esquecida’ pelo estúdio, que resolveu recomençar a franquia com um filme focado no divertido robzinho amarelo Bumblebee. Seu filme, lançado em 2018, foi ambientado na década de 1980 e trouxe o robô se transformando em um simpático Fusquinha.

O longa foi um sucesso de público e crítica, rendendo uma continuação. Lançado em 2023, ‘Transformers: O Despertar das Feras’ foi ambienta-

do na década de 1990 e apostou em um visual mais próximo do desenho animado original.

Agora, está no cinema ‘Transformers: O Início’. Essa nova empreitada não se conecta com os filmes em Live-Action e vai tentar construir uma saga em animação 3D paralela aos filmes com seres humanos.

Em tempos em que o público já se acostumou ao conceito de Multiverso, essa ideia de criar uma nova franquia, ambientada há três bilhões de anos, quando o planeta Cybertron ainda existia, é genial!

Os fãs vão poder ver as histórias dos robôs sem serem atrapalhados pelos chatos dramas humanos. Além disso, a história de como eles saíram de uma sociedade evoluída para uma guerra de facções que levaria seu mundo a ruína é interessantíssima.

É uma ideia sensacional construir esse universo animado.

Opinião do leitor

Bem-vinda, primavera!

A melhor estação do ano é a primavera. Brasília se enche de vida com as cores das flores que enfeitam a cidade. A população só precisa cuidar mais do meio ambiente: não jogar o lixo na rua e usar menos o carro podem ser algumas iniciativas. No Plano Piloto, em Brasília, flores já dão um colorido diferente. Graças a Deus!

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

O CORREIO SUL FLUMINENSE NA HISTÓRIA

Divulgação



Centro de Vassouras

BARÃO DE VASSOURAS

Pedro Corrêa e Castro, também conhecido como barão de Tinguá, foi uma figura importante para a história de Vassouras. Além disso, Pedro possuía parentesco com outro grande nome da história da cidade: Laureano Corrêa e Castro, o barão de Campo Belo. O título de barão lhe foi concedido durante o império de D. Pedro II, pelo próprio monar-

ca, em 1848. Entre outros feitos, Pedro foi responsável pela construção da Santa Casa de Misericórdia de Vassouras, cuja pedra fundamental foi lançada também em 1848. O barão de Tinguá ofereceu dinheiro para a construção da casa de caridade, continuando a contribuir com uma quantia anual pelo resto de sua vida. O barão possuía uma relação

próxima a D. Pedro II, que chegou a se hospedar em sua residência em uma de suas idas à Vassouras. Sua casa, que possuía uma biblioteca de mais de mil volumes e uma estrutura complexa, foi demolida para dar espaço ao palacete do barão de Amparo. Pedro morreu solteiro em Vassouras no ano de 1869, sem deixar herdeiros.

Correio Sul Fluminense

Uma publicação do Correio da Manhã

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br
Bruno Portella (Diretor)
Rodrigo Magnavita (Diretor)

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Sonia Paes (editora), Luana Motta, Pedro Sobreiro, Rafael Lima e equipe TVC

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Volta Redonda: Av. Paulo de Frontin, 590- sala 1306 - CEP 27213-270

Bairro Atarrado - Volta Redonda - RJ

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

CEP: 22775-057

www.correiosulfluminense.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.